

## A INTERAÇÃO SIMBÓLICA NA ERA DIGITAL: ENTENDENDO REDES SOCIAIS COM PEIRCE E BLUMER

**Jorge Antonio de Moraes Abrão**

Escola de Comunicação e Artes – USP

São Paulo – SP

**Anderson Vinicius Romanini**

Escola de Comunicação e Artes – USP

São Paulo – SP

**RESUMO:** O presente trabalho pretende recuperar as premissas básicas da teoria do Interacionismo Simbólico, como entendido por Herbert Blumer, de modo a atualizá-las buscando entender os processos de interação nas redes sociais. Para tanto, vamos inicialmente retomar alguns conceitos do Pragmatismo da maneira como Charles S. Peirce os formulou originalmente, pois acreditamos que se constituem nas bases do Interacionismo Simbólico, além de fornecerem pistas importantes para um melhor entendimento das relações de significação nos ambientes virtuais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Interacionismo simbólico. Redes sociais. Internet.

**ABSTRACT:** The present work intends to recover the basic premises of the theory of Symbolic Interactionism, as understood by Herbert Blumer, in order to update them trying to understand the processes of interaction in social networks. In order to do so, we will first return to some concepts of Pragmatism in the way that

Charles S. Peirce originally formulated them, since we believe that they constitute the bases of Symbolic Interactionism and can also provide important clues for a better understanding of the relations of signification in virtual environments. **KEYWORDS:** Symbolic Interactionism. Social Networks. Internet.

### 1 | DE PEIRCE A BLUMER: UM PERCURSO

O pragmatismo teve sua origem na segunda metade do século XIX com um grupo de pesquisa informal criado por um grupo de jovens intelectuais de Harvard, nos Estados Unidos. Charles S. Peirce, William James Oliver Wendell Holmes Jr., Joseph Warner, Nicholas St. John Green, Chauncey Wright, John Fiske e Francis Ellingwood Abbot estão entre os mais conhecidos. De forma “meio desafiadora, meio ironicamente” (De Waal, 2007), chamavam a si mesmos membros d’ “O Clube Metafísico”, pois nessa época de ouro do pensamento positivista, “a metafísica era considerada fora de moda”. O eixo das discussões estava justamente nas consequências práticas de se adotar conceitos que avançavam para além da observação empírica ou da evidência racional. Como bem explica De Wall (2007), o pragmatismo foi criado como um método de determinar o significado

das palavras, especialmente quando empregadas nas ciências e na filosofia, ou seja, é mais um método de fazer filosofia do que uma teoria filosófica propriamente, e seu objetivo é determinar o sentido de um conceito abstrato a partir dos efeitos práticos que derivam de tal conceito.

Após alguns meses, o grupo se dissolveu sem deixar nenhum registro oficial. Porém, Peirce, temendo que as ideias ali discutidas fossem esquecidas, escreve dois ensaios que se tornariam antológicos: “A fixação das crenças” e “Como tornar as nossas ideias claras”. Apesar de não mencionar explicitamente o termo “pragmatismo” nestes textos, Peirce oferece neles as bases do seu pensamento. De fato, em “Como tornar nossas ideias claras”, Peirce apresenta o que seria mais tarde considerada a máxima pragmática:

Considere quais efeitos, que possivelmente podem ter aspectos práticos, imaginamos existir no objeto de nossa concepção. Então, nossa concepção desses efeitos é o conjunto da nossa concepção do objeto. (W3 266 apud SANTAELLA, 2010)

Para Pozzoli (2016), este trecho é um marco na história do pragmatismo pois é a partir dele que irá se desenvolver o eixo lógico do pensamento pragmático, que inclui uma teoria da significação e da conduta autocontrolada do pensamento, ambos centrais na pesquisa científica. A versão Peirceana evolui para um forte realismo, pois os conceitos da ciência são por ele entendidos como representações de regularidades universais que possuem uma realidade independente do que possamos pensar sobre elas. Sua teoria semiótica da representação e significação seria, portanto, um desenvolvimento e um corolário da máxima pragmática por ele elaborada.

Entretanto, como a autora bem nos lembra, William James foi o responsável por popularizar uma versão mais psicológica do pensamento pragmático, e portanto mais nominalista, em que o critério de verdade e realidade são estreitamente ligados às cognições particulares de quem os professa. Assim, temos uma evolução do Pragmatismo de um método estrito para uma corrente filosófica mais ampla, resumida por De Wall da seguinte maneira:

Em sua interpretação mais estreita, sustentada de maneira proeminente por Peirce, o pragmatismo é somente um critério de significação, que estipula ser o significado de qualquer conceito nada mais do que a soma de suas consequências práticas concebíveis. Desse ponto de vista, conceitos que não tenham consequências práticas concebíveis não têm significado e, se as consequências práticas concebíveis de dois conceitos são idênticas, ambos os conceitos são sinônimos. Em sua interpretação mais ampla, que começou com James, o pragmatismo não é somente uma teoria da significação, mas também e de maneira mais proeminente, uma teoria da verdade. Como os manuais de filosofia gostam de dizer, para o pragmatista uma coisa é verdadeira quando é vantajoso acreditar nela. (DE WALL, 2007, p.18)

Aqui, nos apoiaremos principalmente na vertente peirceana do pragmatismo, pois a consideramos mais adequada ao nosso intuito de entender os processos de significação nas redes sociais, já que se constituem em processos de semiose

complexos que ocorrem em redes sociais sustentadas por uma infraestrutura de conexão de informação digital que simulam, nos ambientes virtuais, experiências baseadas em representações simbólicas. O símbolo, que é o tipo mais complexo de signo definido por Peirce, carrega consigo elementos indiciais (denotativos) e icônicos (conotativos), e, portanto, tem a capacidade de simular virtualmente a percepção de ícones e índices genuínos, tais como os vivenciados na experiência cotidiana. Em outras palavras, o símbolo permite uma interação social situada historicamente e incorporada nas pessoas que produzem interpretações. Sendo um tipo de signo essencialmente social, construído coletivamente por comunidades e flexível para incorporar novos significados de acordo com os propósitos socialmente definidos por seus intérpretes, os signos são o cerne da cultura e da comunicação humanas e, também, o lastro da civilização como a entendemos. Símbolos são ideias, conceitos, palavras, argumentos, textos ou mesmo livros inteiros.

Fundamentando cada símbolo está um hábito mental, ou crença socialmente compartilhada. Se o objetivo final da máxima pragmática é o alcance do maior grau de clareza possível dos símbolos, então o esclarecimento de um símbolo até então confuso e dúbio implicaria a mudança de um estado dúvida para um estado de crença. Segundo Peirce:

A dúvida é um estado desagradável e incômodo, de que lutamos por libertar-nos e passar ao estado de crença; este é um estado de tranquilidade e satisfação que não desejamos evitar ou transformar na crença em algo diverso. Pelo contrário, apegamo-nos tenazmente não apenas a crer, mas a crer no que cremos. (PEIRCE, 1975, p. 77)

Para o Peirce, portanto, a crença e a dúvida são estados mentais que se relacionam; a crença é o estado mental que determina uma regra de ação e se fixa no hábito. Já a dúvida é o estado que de alguma forma nos move à inquirição, isto é, nos move em direção a uma nova crença. Conforme o autor, tanto a dúvida quanto a crença levam ação: a primeira porque, ao criar um desconforto, nos mobiliza a fim de estabelecer uma nova crença e ser superada; e a segunda, porque é parte indispensável da conduta humana, sem ela não saberíamos como nos comportar nas várias situações (cf. CP 5.373). O objetivo maior da inquirição é a aquisição de uma crença e o abandono da dúvida, de modo que seja adquirido um hábito que molde a nossa conduta e a partir do qual possamos agir em situações futuras, assim, o hábito é caracterizado como a fixação da crença. Para Peirce (CP 5.370-71.), a crença é o que guia nossos objetivos e moldam como agimos, sua essência é o estabelecimento de um hábito e diferem pelos diferentes modos de ação a que dão origem (CP 5.398).

A crença alcançada não é necessariamente verdadeira, bastando que nos satisfaça, ou nas palavras de De Wall (2017, p 32) o propósito da inquirição é “alcançar a crença ou estabelecimento da opinião de alguém”. Ainda, para De Wall:

Se o único propósito da inquirição é estabelecer a crença, e se a crença é um hábito ou uma disposição a agir, então a significação de uma palavra, sentença ou sinal rodoviário deve naturalmente ser entendida em termos de hábitos ligados a

Por essa ótica, podemos entender o método pragmático como um critério para determinar o significado de um conceito, a partir da fixação da crença pelo hábito. O significado de algo é, assim, produto da relação conceito e hábito. Ou ainda, nas palavras de Peirce “o que uma coisa significa é simplesmente quais hábitos envolvem” (EP 1.131 *apud* DE WALL, 2007).

Apesar de Blumer não apreciar completamente a importância do pragmatismo de Peirce e este não ser reconhecido diretamente na história do Interacionismo Simbólico (BAKKER, 2005, p. 76), acreditamos que os conceitos de dúvida, crença e hábito, conforme expostos acima, se relacionam com as premissas do Interacionismo Simbólico, desse modo, a próxima seção é voltada à essa corrente teórica e sua relação como o pragmatismo peirceano e em seguida apresentaremos nossa discussão sobre sua aplicabilidade no estudo das rede sociais.

## 2 | O INTERACIONISMO SIMBÓLICO

O termo “Interacionismo Simbólico” foi criado por Herbert Blumer, em meados da década de 1937, a fim de nomear uma nova perspectiva de estudo da sociedade que fosse baseada em um modelo de comunicação interacional. Essa perspectiva, inicialmente, elaborada por George H. Mead teve em Blumer a figura responsável por sua continuidade e divulgação. Tanto Mead, quanto Blumer fazem parte de uma tradição sociológica conhecida como Escola de Chicago, que se desenvolveu entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX.

Segundo, França e Simões (2014, p. 138), nesse período, Chicago passava por um momento de grande crescimento urbano e populacional, atraindo imigrantes estrangeiros e migrantes de outras regiões dos EUA e, portanto, se firmando como uma das maiores cidades do país. Esse crescimento, não impulsionou apenas o desenvolvimento industrial da cidade, mas, também, incentivou a vida artística, cultural e intelectual. Nesse cenário, marcado pela diversidade de grupos e estrangeiros, nasce a Escola de Chicago, que se configura como uma sociologia urbana que busca pensar sobre os grupos da cidade e nas relações que ali se configuram. Para Bueno (2015), a essa Escola além de ser pioneira no olhar para a comunicação interpessoal, ao considerar o indivíduo como sujeito ativo no processo comunicacional, foi “precursora na defesa do papel crucial das novas tecnologias como motor de mudança na forma de nos organizarmos” (idem, p.58).

Para as autoras, o pragmatismo aparece como um grande alicerce teórico para a Escola, pois que suas contribuições são, então, deslocadas da filosofia para as ciências sociais, principalmente, por John Dewey e George H. Mead. Desse modo, a noção de experiência é tida como central e entendida como o resultado da interação entre os indivíduos e o ambiente que o cerca.

Este é lugar importante de convergência para do Interacionismo simbólico com a Pragmatismo, pois os indivíduos se constituem pela ação. Sendo a linguagem parte constituinte do mundo social devido sua ação socializadora e no reconhecimento dos universos sociais nos quais os indivíduos e seus agrupamentos são formados. E que a relação dos sujeitos com os objetos deve ser percebida no processo de interação social, já que esses objetos pressupõem práticas sociais significativas. E, ainda, que a produção de um universo social carregado de sentido, constitui-se por um processo de construção de “objetos” que possam ser reconhecidos pelo grupo por meio da interação social. Temos que a capacidade social de produção de objetos dotados de sentido depende da capacidade de produção e de interpretação desses significados; da capacidade do indivíduo de estabelecer os limites dessas coisas, ou seja, definir os significados dos conceitos de forma clara.

O Interacionismo simbólico defende a hipótese de que os ‘universos’ acessíveis aos seres humanos e seus grupos compõem-se de ‘objetos’, e que estes são o produto da interação simbólica. Entende-se por objeto tudo que for passível de ser indicado, evidenciado ou referido – uma nuvem, um livro, uma legislatura, um banqueiro, uma doutrina religiosa, um fantasma etc. Para nossa maior conveniência, podemos classificar os objetos em três categorias: (a) objetos físicos, como cadeiras, árvores ou bicicletas; (b) objetos sociais, como estudantes, padres, o presidente, a mãe ou um amigo e (c) objetos abstratos, como princípios morais, doutrinas filosóficas ou conceitos tais como justiça, exploração ou compaixão. (BLUMER In: MORTENSEN, 1980 p. 127)

Também, é central para essa tradição, a noção de comunicação, pois os agrupamentos humanos existem em ação e a interação determina essas ações, ou seja, o modo de ação de um indivíduo causa reações em seu interlocutor, que por sua vez, embasam o comportamento do primeiro.

O processo comunicativo é visto como uma interação ou troca simbólica, realizada através da linguagem, por ações e reciprocamente referenciadas de sujeitos que têm consciência dos sujeitos e da sociedade que edificam (FRANÇA & SIMÕES, 2014, p. 143)

Blumer busca em Mead o conceito de interação social, no qual identifica duas formas de interação social: a não-simbólica e a simbólica. “A interação não-simbólica ocorre quando se reage diretamente a ação de outra pessoa sem interpretá-la; a interação simbólica refere-se à interpretação do ato” (BLUMER, 1980, p. 125). A interação simbólica é a interação em que um processo social é percebido e redefinido, não pela ação direta do indivíduo, e sim pela interpretação a partir dos significados atribuídos a esse processo. Tais significados são construídos na interação social a partir da comunicação e, assim, são um elemento-chave para entender os processos de interação.

Assim, a comunicação é vista como instrumento de criação da realidade através de um processo dinâmico e interativo, logo, não se pode estudar ou entender as associações humanas fora do contexto comunicativo. Blumer aponta três premissas básicas do Interacionismo Simbólico:

A primeira estabelece que os seres humanos agem em relação ao mundo fundamentando-se nos significados que este lhes oferece. [...] A segunda premissa consiste no fato de que os significados de tais elementos serem provenientes da ou provocados pela interação social que mantem com as demais pessoas. A terceira premissa reza que tais significados são manipulados por um processo interpretativo (e por este modificados) utilizados pela pessoa ao se relacionar com os elementos com que entra em contato. (BLUMER, 1980, p. 119)

Ou seja, o indivíduo age diante de situações e de outras pessoas de diferentes formas devido ao significado dado a essas coisas e pessoas; esse significado é construído a partir das interações sociais e pode se manter ou ser alterado mediante um processo interpretativo próprio ao indivíduo. É importante ressaltar que esse processo de interpretação pelo qual são formados e manipulados os significados é contínuo, circular e dinâmico.

Bueno (2015, p.61) nos lembra que para Mead quando uma ideia é partilhada entre indivíduos e isso promove uma mudança no modo de agir e reagir tem-se, então, um “símbolo significante”. Assim, continua a autora, base do significado só pode ser encontrada na conduta social, que se constitui por símbolos significantes. Portanto, a interação simbólica se caracteriza como a interação em que um processo social é percebido e redefinido, não por uma ação direta do outro, mas substancialmente por meio da interpretação dessas ações a partir do significado que lhes foram dados. “O Interacionismo simbólico considera os significados produtos sociais. Criações elaboradas em e através de atividades humanas determinantes em seu processo interativo” (BLUMER, 1980, p. 121).

Em síntese, para o Interacionismo Simbólico, os significados não são próprios dos objetos e nem resultam de elementos psicológicos do indivíduo, mas emergem a partir do processo de interação social e as ações operam a fim de definir os objetos. Em vista disso, o Interacionismo Simbólico vê o significado como um produto social, criado na e por meio da linguagem e da comunicação. Dessa maneira, entendemos que o Pragmatismo, principalmente ao considerarmos os conceitos de crença hábito e dúvida, se relaciona ao Interacionismo Simbólico, especialmente no que toca as suas premissas básicas, de modo a sustentar nossa intenção de compreender como se dão os processos de significação nas redes sociais.

### **3 | A INTERAÇÃO SIMBÓLICA ON-LINE**

Com a emergência da Internet e sua popularização, constituiu-se o ciberespaço, entendido aqui segundo Lévy (1999), como o “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”. Desse modo, temos uma nova forma de comunicação complexa e descentralizada, em que “quase todo mundo pode publicar um texto sem passar por uma editora nem pela redação de um jornal” (LÉVY, 1998), onde se permite a busca da informação desejada sem depender das mídias tradicionais, como a TV, o jornal e o rádio. Assim,

já é possível afirmar que a Internet e o ciberespaço constituem locais importantes de construção e circulação de sentidos.

O ciberespaço tem sido um lugar em que surgem novas formas de sociabilidade e de interação entre os indivíduos da sociedade, criando laços entre as pessoas e, conseqüentemente, uma comunidade, agora virtual e organizada em forma de redes sociais virtuais. Para Castells (2003, p. 48), essas redes se caracterizam por sua formação autônoma, onde qualquer indivíduo pode encontrar sua destinação e por permitir uma comunicação livre, horizontal que “sintetiza a prática da livre expressão global, em uma era de conglomerados de mídias e burocracias governamentais censoras”.

Segundo o autor, a Internet se tornou essencial para a comunicação e organização das sociedades contemporâneas, sendo óbvio que o processo político e os movimentos sociais a utilizem (idem). Atualmente, tanto para políticos, quanto para os movimentos sociais e/ou pessoas comuns as redes sociais são um canal de comunicação, direto, horizontal, com certa liberdade e acessível economicamente, promovendo, desse modo, que cada indivíduo se expresse. Além disso, as redes sociais permitem uma intensificação de interconexões entre os atores na sociedade, o que pode contribuir para sua melhoria, pois como ressalta Lévy (1998, p. 41) “quanto mais um regime político, uma cultura, uma forma econômica ou um estilo de organização tem afinidades com a intensificação das interconexões, melhor ele sobreviverá e resplandecerá no ambiente contemporâneo”.

Desse modo, entendemos o Interacionismo Simbólico como um conjunto teórico adequado para o estudo das relações na internet, posto que essa teoria parte do pressuposto que uma comunidade é formada por indivíduos que agem conforme os significados construídos na interação social e dados aos atos, fatos e coisas. Se em seu início – em um contexto urbano que permitiu o contato de diferentes culturas e modos de ver o mundo, como dito anteriormente – os interacionistas voltaram suas pesquisas essencialmente para as interpelações face a face. Agora, em um momento em que as possibilidades de contato se potencializam devido surgimento da cibercultura, é possível dizer que o Interacionismo Simbólico obtém um novo ponto de interesse e uma nova força. Se antes a cidade e as interações que possibilitava era o o ponto de partida para a pesquisa, agora a Internet e as tecnologias digitais se firmam como tal.

#### **4 | REDES SOCIAIS ONLINE**

Apesar de serem comumente tidas sinônimas, redes sociais e sites de redes sociais não o são. O que chamamos de rede social não é um fenômeno recente, de uma era digital, criado por sites de relacionamento, sua existência precede a internet ou a mediação eletrônica. Redes sociais são formadas por pessoas em uma comunidade, com algum tipo de relação ou interesse mútuo, são criadas por atores sociais para e por

suas práticas sociais, ou seja, são formadas a partir de dois elementos: atores sociais e suas conexões. Em que os atores sociais são as pessoas envolvidas e presentes nas redes sociais e as conexões “são constituídas dos laços sociais, que, por sua vez, são formados através da interação social entre os atores” (RECUERO, 2009, p. 30). Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões. (RECUERO, 2009, p. 24).

Já redes sociais online ou sites de redes sociais são plataformas digitais utilizadas para a conexão e interação dos atores sociais, porém, os atores que se relacionam nas redes digitais não necessariamente se relacionam em meios não-virtuais – e vice-versa. Segundo Recuero (2009), os atores podem ser representados por perfis nos sites de redes sociais, e um ator não é, essencialmente, uma única pessoa; nem uma pessoa é, essencialmente, um único ator, podendo um ator ser representado por um perfil em uma rede social, mas ser gerenciado por diversos atores e pessoas. De maneira inversa, uma pessoa mais de um ator, ao utilizar diversos perfis no mesmo site ou em diversos sites. Assim os atores sociais nos sites de redes sociais formam um grupo heterogêneo que, a partir das possibilidades disponibilizadas pelas plataformas, se organizam de forma mais ou menos homogênea, por afinidades, proximidade geográfica, interesses comuns etc... Ou seja, segmentam-se, porém, ao fazer de diferentes segmentos se encontram em locais diversos e expostos a múltiplas interações. Polivanov (2014, p.33) aponta que os sites de redes têm crescido exponencialmente, não só em termos quantitativos (cada vez mais usuários e mais sites com públicos alvo e finalidades diversos), mas também em termos, por assim dizer, qualitativos, no sentido de que eles têm incorporado novas e variadas funções, como jogos online, quizzes, ferramentas para mostrar aprovação ou não de certo conteúdo (o famoso botão “curtir” do Facebook, apropriado posteriormente pelo LinkedIn, por exemplo), entre tantas outras. Seja para criar e/ou manter contatos profissionais, seja para compartilhar fotos com os amigos ou para divulgar um evento, entre inúmeras outras funções que os sites de redes sociais possuem, fato é que eles se tornaram um dos grandes centros das atenções da alta modernidade, seja no âmbito acadêmico, mercadológico, político ou social.

Dessa forma, é importante destacar, temos que as redes sociais online conseguiram agregar um número significativo de pessoas em um ambiente de lógicas e dinâmicas próprias e, que essas redes configuram um terreno disputado, pois é um espaço privilegiado, como afirma Castells (2003, p. 114), “para atuar, informar, recrutar organizar, dominar e contra dominar”. Além disso, ressaltamos que apesar da aparente liberdade de expressão e conteúdos nas redes sociais, o acesso a esse conteúdo é, muitas vezes, filtrado e limitado. Essa limitação pode ocorrer devido a diversos fatores que vão desde questões socioeconômicas a questões técnicas como limitação da banda de Internet ou ainda a filtros algorítmicos presentes nas redes



sociais que mediam e organizam os conteúdos. Entretanto, as redes sociais ainda nos parecem um ambiente que permite aos usuários produzirem com certo nível de liberdade criativa, em que os indivíduos se apropriam e circulam de conteúdo, reforçando e manipulando seus significados. Movimentos de ordem político-social, como a Primavera Árabe e o Occupy Wall Street, utilizaram, principalmente, as redes sociais para organizar e elaborar formas de engajamento popular. E da mesma forma, as manifestações populares ocorridas em junho de 2013, no Brasil, se fortaleceram e conseguiram aglutinar multidões em torno de sua causa. Após essas manifestações, governos municipais, estaduais e federal se viram obrigados a responder, de alguma forma, às exigências dos manifestantes. Exigências essas, discutidas e materializadas no ciberespaço, mostrando como as redes sociais podem ser um espaço de discussão e mobilização política devido à sua facilidade de uso e sua agilidade na troca de informações. Santaella (2016, p.72) afirma que as redes sociais, “mais do que favorecer a circulação, abrem espaço para a formação de ambientes de convivência instantânea entre as pessoas, instaurando uma cultura colaborativa, em que todos participam, e que evolui conforme a necessidade e exigência de seus membros”.

Saad Correa e Bertochi (2012) alertam que o “algoritmo é utilizado especialmente para ordenar elementos (dados sobre outros usuários) por critério de importância (definida pelo programador da empresa)”. Desse modo, os atores sociais tendem a receber conteúdos com os quais estão mais familiarizados ou que o software percebe como de seu interesse. Esse “filtro bolha”, como denomina Pariser (2012) provoca uma doutrinação com “as nossas próprias ideias, amplificando nosso desejo por coisas conhecidas e nos deixando alheios aos perigos ocultos no obscuro território do desconhecido” (PARISER, 2012, p. 19), tendo entre suas consequências a retroalimentação de conteúdos, que oferece uma espécie de mais do mesmo, e a disparidade nos resultados de busca em softwares para os mesmos termos. O pesquisador aponta, ainda, para outros problemas vindos da cessão de informações dos usuários de sites de redes sociais, buscadores e demais aplicações, como a vigilância e a publicidade especificamente orientada. Contudo, Recuero (2014, p. 17) reconhece que as características dos sites de redes sociais, como o Facebook, possibilitam uma interação mais pública e mais coletiva. Tornando, assim, as redes sociais mais visíveis, ampliando-as, possibilitando novas formas de conexão e de circulação de informação (RECUERO; ZAGO, 2009). Assim, acreditamos, que mesmo com a mediação realizada pelos algoritmos, os sentidos não são dados, apenas, pelos discursos presentes e publicados por cada usuário, mas podem ser incorporados e transformados pelo modo como as respostas às ações dos outros usuários afetados se dão. Ou seja, esses conteúdos circulados são produtos sociais (re)construídos através de um processo de interação social, condicionado e formado pelas características e possibilidades técnicas próprias do ambiente. Nesse sentido, nos perfis de cada usuário do Facebook, os significados são construídos a partir da interpretação de cada participante, porém de forma coletiva. Consideramos, assim, que em cada publicação,

pode se formar microssistemas de significação, em que cada comentário atua na formação de um significado único

Considerando os usuários tanto como receptores, quanto como produtores é que entendemos que as atividades de indivíduos nas redes sociais on-line incluem, não apenas a recepção, mas também, a produção organizada de conteúdos; sendo estes criados seguindo objetivos específicos e direcionados para determinados públicos, em busca de obter um maior alcance ou resposta. Resposta essa que nesses sites, se configura na forma de comentários, compartilhamentos e “curtidas”.

Portanto, vemos um processo de negociação social, onde em troca do conteúdo o indivíduo busca uma reação, que é estimulado e complexificado por meio dos recursos disponibilizados no site (comentários, “curtidas” etc.). Tais recursos além de atuarem como mediadores da interação, também são apropriados e imbuídos de significados pelos usuários em um processo interpretativo constante, sendo assim necessários para o próprio site.

Por fim, de acordo com os pontos elencados, temos que os significados não são dados apenas pelos discursos presentes e publicados por cada usuário, mas é incorporado e transformado pelo modo como as respostas às ações dos outros usuários afetados se dá. Ou seja, esses conteúdos circulados são produtos sociais (re)construídos através de um processo de interação social, condicionado e formatado pelas características e possibilidades técnicas próprias do ambiente.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos mostrar em nossa reflexão como uma realidade pode ser criada e alterada a partir de processos de significação e interpretação, tais suposições encontram amparo dentro dos princípios interacionistas em que os sujeitos agem de acordo com os significados atribuídos às coisas e estes podem ser modificados e alterados na interação social. Desse modo, reforça-se a ideia de ciberespaço como um espaço não somente de circulação de sentidos, mas, também, de produção destes devido seu potencial interativo, o que constitui “uma Terra semiótica sem império possível, aberta a todos os ventos do sentido, geografia movediça, próxima dos paradoxos, que envolve e doravante governa os territórios neolíticos” (LEVY, 1998).

Ressaltamos, aqui, nossa crença que uma renovação da perspectiva interacionista se faz necessária, pois temas centrais do debate contemporâneo; autores e teorias atuais que estudam o ciberespaço acabam muitas vezes abordando discussões sobre os processos interativos. Temos um exemplo em Lèvy (1995), que, falar sobre a interação por meio de canais digitais, afirma: “Longe de se adequarem apenas a um uso instrumental e calculável, são importantes fontes de imaginação, entidades que participam plenamente da instituição de mundos percebidos (1995, p. 16). Em nosso entendimento, reforça-se, cada vez mais, a ideia de ciberespaço como um espaço

não somente de circulação de sentidos, mas, também, de produção destes devido seu potencial interativo e criativo, o que o constitui “uma Terra semiótica sem império possível, aberta a todos os ventos do sentido, geografia movediça, próxima dos paradoxos, que envolve e doravante governa os territórios neolíticos” (LEVY, 1998). Assim, temos que a produção e circulação de conteúdo, aliadas às particularidades técnicas disponibilizadas, no e pelo ambiente, podem oferecer condições para a emergência de certos comportamentos sociais entre os indivíduos. Ao mesmo tempo em que estes indivíduos se utilizam dessas condições para a formatação de novos cenários de interação, em que são negociados novos significados. Tais suposições vão ao encontro dos princípios interacionistas em que os sujeitos agem de acordo com os significados atribuídos às coisas e estes podem ser modificados e alterados na interação social. Propomos, então, que os objetos – discursos, imagens, etc. – circulados entre os usuários de redes sociais podem ser interpretados como produtos sociais formados e transformados através de um processo de (res)significação constante, ocorrido a partir das interações sociais online. Sugerimos que isto ocorreria também no ambiente das redes sociais on-line, pois, como diz Blumer (1969) a respeito da natureza da ação humana, o indivíduo se confronta com um ambiente no qual deve interpretar a fim de agir e programar linhas de ação a partir de suas interpretações.

## REFERÊNCIAS

BAKER JI. The self as an internal dialogue: Mead, Blumer, Peirce, and Wiley. **The American Sociologist**. 2005 Mar 1;36(1):75-84.

BLUMER, H. A natureza do Interacionismo Simbólico. In: MORTENSEN, David. **Teoria da Comunicação: textos básicos**. São Paulo: Mosaico, 1980

\_\_\_\_\_. **Symbolic interactionism: Perspective and method**. University of California Press, 1986.

BUENO, Thaisa Cristina. **Para que servem os comentários de leitores na internet?: Estudo sobre a utilidade da ferramenta nos sites de notícias a partir da estrutura do dispositivo e do modo de apropriação do internauta e do veículo**. 2015. Tese de Doutorado. Porto Alegre, RS: PUC RS

CASTELLS, M. **A Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, negócios e a sociedade**. Zahar, 2003.

DE WAAL, Cornelis. **Sobre pragmatismo**. Edições Loyola, 2007.

FRANÇA, V. R. V.; SIMOES, P. G. . A Escola de Chicago. In: Adilson Citelli; Christa Berger; Maria Aparecida Baccega; Maria Immacolata Vassalo de Lopes; Vera França. (Org.).. (Org.). **Dicionário de Comunicação: Escolas, Teorias e Autores**. 1ed. São Paulo: Contexto, 2014, v. 1, p. 138-146.

LÉVY, P. A revolução contemporânea em matéria de comunicação. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, v. 1, n. 9, 1998.

\_\_\_\_\_. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 1998.

\_\_\_\_\_. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: Letras, 1995

MEYROWITZ, Joshua. **No sense of place**: The eletronic media on social behavior. London, Oxford University, 1985

PARISER, Eli. **O filtro invisível**: o que a internet está escondendo de você. Zahar, 2012.

POLIVANOV, B. **Dinâmicas identitárias em sites de redes sociais**: estudo com participantes de cenas de música eletrônica no Facebook. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

POZZOLI, Vanessa Luciano. **“O que entende você por pragmatismo?”**: alguns confrontos entre os pragmatismos de C. S. Peirce e W. James. 2016.76 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

\_\_\_\_\_. **A conversação em rede**: Comunicação Mediada Pelo Computador e Redes Sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina, 2014.

RECUERO, R. ; ZAGO, G. **Em busca das “Redes que importam”**: Redes Sociais e Capital Social no Twitter. In: Anais do XVII Congresso da Compós. Belo Horizonte: PUC/MG, 2009.

SAAD CORREA, Elizabeth; BERTOCCHI, Daniela. A cena cibercultural do jornalismo contemporâneo: web semântica, algoritmos, aplicativos e curadoria. **Matrizes**, v. 5, n. 2, 2012

SANTAELLA, Lucia. **Temas e dilemas do pós-digital: a voz da política**. Pia Sociedade de São Paulo-Editora Paulus, 2016.

SANTAELLA, Lúcia; LEMOS, Renata. Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter. São Paulo: Paulus, v. 137, 2010.